

Handwritten signature



Xokleng, retrato da agonia

Livro do antropólogo Sívio Coelho dos Santos recupera a memória visual da decadência do mais importante grupo indígena de Santa Catarina

DENNIS RADÜNZ
EDITOR-ASSISTENTE DO ANEXO

O rastreamento de uma fotografia datada de 1914, retratando uma mulher indígena com uma criança no colo, instigou o antropólogo Sívio Coelho dos Santos a editar o álbum etnográfico "Os Índios Xokleng — Memória Visual" (Ed. UFSC/Ed. Univali), lançado nesse mês em Ibirama, Blumenau, Itajaí e Florianópolis.

Um "erro" do pesquisador do CNPq e doutor em Antropologia Social pela USP motivou-o a rever sua pesquisa iconográfica (em manuseio de 1500 fotografias no decurso de seis meses): a imagem impressa no cartão-postal, remetido de São Paulo à Nova Zelândia, no início do século, concidia com uma reprodução incluída em sua obra de antropologia visual publicada em 1978 — mãe e filho indígenas, que haviam sido definidos por Santos como xoklengs, detinham, no postal recuperado por acaso em 1992, uma lacônica inscrição: "Índios Guarany". Identificação errática que reportaria o antropólogo às fontes de águas claras de seu acervo: um nascedouro de imagens que documentam (longe da realidade *in vitro* das universidades) agonia e gozo do povo Xokleng. O reencontro do original também coincidiu com a "agudização da realidade dos indígenas", segundo Santos, acampados na represa à cata do cumprimento de seus direitos a sobreexistirem.

Composto por 50 fotografias, em registros que abarcam as múltiplas dimensões da vida indígena — do genocídio praticado pelos "bugreiros" nos primeiros contatos entre imigrantes e índios às representações simbólicas da cestaria e da vestimenta — e dividido em três partes (que abordam genocídio, pacificação e a construção do futuro) a intenção do livro é, nas palavras de Sívio Coelho dos Santos,

"levantar o *ethos* do grupo", devolver-lhes auto-confiança e vigor, no espelhamento digno de si mesmos.

Os direitos autorais de "Os Índios Xokleng — Memória Visual" foram revertidos ao povo indígena sob forma de 300 exemplares, distribuídos a 300 famílias xokleng de Ibirama, provocando surpresa e espanto entre os retratados: ver a si mesmo ou verificar a ausência de algum ente próximo provocou o choque entre as pessoas. Segundo Sívio Coelho, o livro tem um papel estratégico, devendo ser distribuído às famílias residentes na periferia de Blumenau e às escolas indígenas de José Boiteux e Victor Meirelles (cidades que sediam a reserva dos Xoklengs), para servir de instrumento de educação e sensibilização da sociedade circundante (muitas vezes preconceituosa e excludente).

BUGREIROS

Convicto de que, "no fundo, a academia fala para a própria academia", o antropólogo passou a refletir sobre a relação das linguagens literária e fotográfica com o público. Segundo ele, a questão chave seria: "como se comunicar com um público mais amplo?" "Me valia de uma documentação fotográfica feita para mostrar a miséria, o desespero das populações e a falta de uma política indigenista", afirma o antropólogo.

Editado com o auxílio da Lei de Incentivo à Cultura, o volume de antropologia visual obteve o apoio das prefeituras de Blumenau, Ibirama e Victor Meirelles, e da secretaria de estado de Cultura e Desporto, além do patrocínio do Besc. Uma segunda edição bilíngue (vertida para o Inglês) está prevista para o próximo ano.

Historicamente oprimidos pela ação dos grupos de "bugreiros" e, mais recentemente, pela insensibilidade do governo e da sociedade catarinense, os Xokleng (também

denominados bugres ou botocudo) apontam suas lanças para a construção de um futuro que lhes devolva a trama plena da existência.

RUÍNAS DE REALIDADE

O aumento da população, a ausência de recursos florestais e a inviabilidade da agricultura (devido a inundação das terras férteis da área indígena, confinando os Xokleng às encostas dos morros) compõem um quadro desalentador de suas perspectivas, descrita por Santos como "um futuro sombrio, no horizonte de dez anos". Segundo o antropólogo, o protocolo de intenções firmado em 1992 entre o governo de Wilson Kleinübing e o povo Xokleng — prevendo a construção de 144 casas, instalação de rede elétrica, abertura de estradas e a elevação da ponte sobre o rio Patté, obras situadas na Reserva Duque de Caxias, em José Boiteux —, "foi elaborado, na melhor das hipóteses, de forma ingênua".

Afinal, a população da área indígena sobrevive pelo envio de alimentos, sementes e roupas, doados por ONGs, população e prefeituras da região. Muitas vezes, duzentos aposentados do INSS, detentores de salários de R\$ 120,00, garantem a sobrevivência de parte das famílias. Propiciar à comunidade condições econômicas, não para que acumulem, apenas para que comam".

"A auto-sustentação é mais importante do que a estrutura física", conclui Sívio, aludindo às obras requeridas pela comunidade. "Estrutura física se traduz", em termos de governo, "em obras inacabadas que servem à rolagem de dinheiro à obtenção de vantagens", sentencia o antropólogo.

♦ O QUÊ: "Os Índios Xokleng - Memória Visual", volume de antropologia visual de Sívio Coelho dos Santos, Ed.UFSC/Ed.Univali. R\$ 38,00. Informações pelos fones (048) 231-9408 e 231-9686.

História de conflito

ORLANDO PEREIRA
SUCURSAL RIO DO SUL

A história da nação xokleng narrada pelo antropólogo destaca a experiência trágica vivida no início deste século. De um lado as suas terras tradicionais, que, por decisão do governo federal e provincial seriam ocupadas por imigrantes europeus. De outro os índios que passaram a sofrer com esta invasão contínua, obrigando-os a ficar confinados.

Para os colonos a presença dos indígenas nas terras que acabavam de adquirir era mais do que uma surpresa. Era um fator de risco e insegurança. Isto resultou num conflito narrado na primeira parte do livro, que foi a ação dos bugreiros, tropas contratadas pelas empresas de colonização para afugentar os indígenas. De acordo com Sívio Coelho dos Santos, o número de crianças indígenas apresentadas como troféus pelos bugreiros não foi pequeno.

Muitas das fotos contidas no livro são de autoria de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, líder da equipe de funcionários do então Serviço de Proteção aos Índios (SPI), que em 1914 conseguiu manter o primeiro contato pacífico com os xokleng, nos chamados postos de aproximação. O antropólogo relata que depois de estabelecido o contato pacífico com os índios era preciso garantir a sua sobrevivência. Mas, dificuldades de toda a ordem dificultaram a compreensão do quadro. Hoerhan tentou atender as exigências imediatas, mas esbarrou no problema de falta de verbas. Vieram as doenças que começaram a fazer vítimas entre a nação xokleng. Em pouco tempo a maioria dos contactados pelo pacificador haviam morrido.

RAPAGEM NORTE

A terceira parte do livro fala sobre a implantação da barragem Norte, obra integrante do sistema de prevenção às cheias no Vale do Itajaí e as conseqüências que a sua construção trouxe para os índios. Localizada a seis quilômetros a jusante da reserva, por falta de informações a comunidade nunca se opôs a sua execução. Alguns anos depois de iniciada, em 1978, ocorreu a primeira enchente na área indígena e, a partir daí, os problemas não terminaram mais. Como o lago de contenção ocupou 900 hectares da reserva a comunidade foi obrigada a se transferir para as partes altas. As indenizações, conforme Santos, ainda não foram totalmente pagas. Isto fez com que muitas famílias migrassem para áreas urbanas em busca de emprego e em fuga da fome.

Santos recorda que iniciou a sua pesquisa na reserva em 1966, dependendo da Prefeitura de Ibirama para chegar ao local devido às dificuldades de acesso. Saía da Capital de ônibus e era obrigado a pernoitar em Blumenau por falta de conexão. Somente no dia seguinte é que chegava em Ibirama, onde tinha novamente que passar a noite. Para se deslocar até na reserva pegava carona na camionete que transportava mercadorias para Barra Dollmann e o restante do caminho normalmente fazia à pé. Agora com o livro, o autor espera que a obra sirva para que cada família possa refletir sobre a sua história e a necessidade de terem identidade própria. "Hoje o índio participa de reuniões em Blumenau, Florianópolis, Curitiba e Brasília, lutando pelos seus direitos", destacou o antropólogo.

Para o professor bilíngue, Nãmbla Gaklä, que escreveu um mito narrado pelo seu avô na língua xokleng (inclusive na última página do livro), a obra de Sívio Coelho dos Santos vai ajudar na recuperação da cultura da comunidade, enriquecendo a educação das crianças. Ele disse que a maior dificuldade hoje é que os índios mais velhos, que fazem os relatos, estão morrendo. Nãmbla anunciou para novembro o lançamento de um livro escrito em xokleng. Trata-se da primeira obra neste idioma, pois até agora a língua era ágrafa, conhecida apenas oralmente.

